

CARTOGRAFIA DE UMA CAMINHANTE: A GUABIROBA CABE EM MIM, CABE NA CIDADE.

ADRIANE RODRIGUES CORRÊA¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – drica.correa@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

O resumo apresenta o projeto de pesquisa intitulado “*Cartografia de uma caminhante: a Guabiroba cabe em mim, cabe na cidade*” que está em fase inicial de desenvolvimento no Curso de Mestrado em Artes Visuais, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano e vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel) sob orientação da Profa. Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves.

A investigação envolve o tema da cartografia poética como práxis artística, tendo como mote a representação que dará a ver os percursos traçados pela caminhante em seu bairro na cidade de Pelotas que perpassa zonas distintas, periférica, central, a pé, de ônibus, prospectando a diversidade por meio de dispositivos, como mapas redesenhados, fotografias e vídeos.

Os processos cartográficos que incluem deslocamentos pela cidade de Pelotas evidenciam os movimentos possíveis de transformação imaginativa do espaço em singulares relações geográficas. Com isso, elenco as seguintes questões: Como as relações entre um núcleo habitacional, inicialmente a Guabiroba e o centro da cidade de Pelotas podem ser estreitados e representados a partir dos deslocamentos que são traçados por caminhos percorridos a pé e em ônibus? Quais dispositivos cartográficos poderão dar a ver essa experiência de deslocamento por meio da arte?

A partir do ano de 2015, tenho observado e registrado por meio de fotografias e anotações a cidade e seus possíveis percursos diários, através do transporte coletivo e/ou caminhando, no sentido centro–bairro-bairro-centro em Pelotas. A caminhada a esmo se refere a desvios nos trajetos planejados ao andar a pé e o deslocamento norteado se refere ao percurso traçado pelo tráfego do transporte urbano.

Desde sempre me desloco de ônibus e/ou a pé para o Núcleo Habitacional Guabiroba, o que me concebe grande estímulo para perceber as paisagens e os transeuntes e seus caminhos e as paisagens que se formam juntamente com os transeuntes. Os espaços que se modificam, as pessoas que passam, os cheiros, a velocidade que eu chego ao “ponto”, modifica o caminho, embora seja o mesmo. Isso porque, minha percepção é sempre diferente atravessada pelos fatores internos (emoção, o que o olho vê) e externos (temperatura ambiental, as pessoas que estão no ônibus ao meu redor, a luz, etc.) Esses atravessamentos redefinem a cidade.

Para o desenvolvimento do estudo elenco alguns conceitos que serão investigados tendo em vista a proposta de pesquisa em poéticas visuais, em que a práxis artística será evidenciada, a partir da constituição de cartografias poéticas do deslocamento por diferentes lugares da cidade de Pelotas. Para isso, me refiro à pesquisa da artista e professora Eduarda Gonçalves, na tese

“*Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos*”, que nos concede alguns exemplos de cartografias artísticas como método e representação e subverte o mapa clássico e técnico da geociência. A autora revela que:

[...] na produção artística encontramos exemplos singulares de como a cartografia decorre de autores e territórios nunca antes mensurados, conjugando a geografia aos desejos, a ideologia, a experiência simplesmente pela vontade de habitar o ilocalizável, ou localizar o que se habita, ou simplesmente habitar. (GONÇALVES, 2011, p. 56)

Conforme aponta Gonçalves, encontramos nas cartografias de Torres-Garcia (1997), Guy Debord, Jorge Macchi outros métodos de representação espacial. Além desses artistas versarei sobre a cartografia em constante transformação de Zbigniew Gostomski, Terry Atkinson e Michael Baldwin, On Kawara, Ana Bella Geiger, Claudia Zimmer, assim como, as representações presentes no livro *Walkscapes, o andar como prática estética*, de Francesco Careri (2005), investigando concepções em torno do deslocamento como prática artística e como obra. Por meio, dos autores e a produção artística serão desenvolvidos os conceitos e os modos distintos de dar a ver os deslocamentos físicos e mentais em diferentes épocas e dispositivos. O meu deslocamento pela cidade será abordado também a partir de questões históricas, culturais, sociais evidenciadas no livro *a História do caminhar*, de Rebecca Solnit (2016). A prospecção e a reflexão sobre o cotidiano da cidade e sua prática entre as instâncias bairro-centro/centro-bairro terá como aporte minhas experiências e a teoria desenvolvida por Michel de Certeau em *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*, em que disserta sobre a dialética entre o bairro e a cidade.

Esta investigação objetiva produzir cartografias dos fluxos da cidade de Pelotas por meio dos deslocamentos físicos, concomitantemente evidenciando a dimensão teórica. E, tem por objetivos específicos realizar deslocamentos a pé e de ônibus por itinerários que percorram bairros e a zona central de Pelotas elencando as implicações perceptivas e afetivas; pesquisar novos suportes, meios e procedimentos para elaboração das cartografias e investigar diferentes representações cartográficas da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Os registros realizados durante e após os percursos foram sendo costurados nos mapas impressos da Listel que serão a base para o desenvolvimento das questões da pesquisa referentes à representação cartográfica a partir de minha experiência na cidade, aproximando-me das cartografias poéticas que dão a ver percursos e deslocamentos dentro do campo da arte.

Os trabalhos partem dos mapas encontrados na Listel de Pelotas (fig. 1). Os mapas foram fotocopiados em tamanho A3 e A2, bordados diretamente sobre o papel com linhas coloridas de alguns percursos diários, criando um traçado dos meus fluxos, assim como os diferentes mapas de tráfego das vias de uma cidade. Posteriormente, crio outro mapa sobre folhas de papel vegetal bordadas e sobrepostas (fig. 2), em que reproduzo os percursos, subvertendo o traçado original a partir de deslocamentos e aproximações de fragmentos do tracejado costurado no mapa original. “*A Cartografia de uma caminhante: a Guabiroba cabe em mim, cabe na cidade*”, é como intitulo provisoriamente o processo que envolve a constituição de um mapa de fluxo pessoal que se transforma de

maneira subjetiva, a partir dos deslocamentos pela cidade. Esses mapas podem estar costurado em folhas de papel, em mapas, em tecido, em fotografia e outros dispositivos a serem investigado durante o período de realização do mestrado.



Figura 1. Cartografia 1 [rota 271]
Mapas da LISTEL impressos e costurados, 2016.
Tamanhos variáveis.

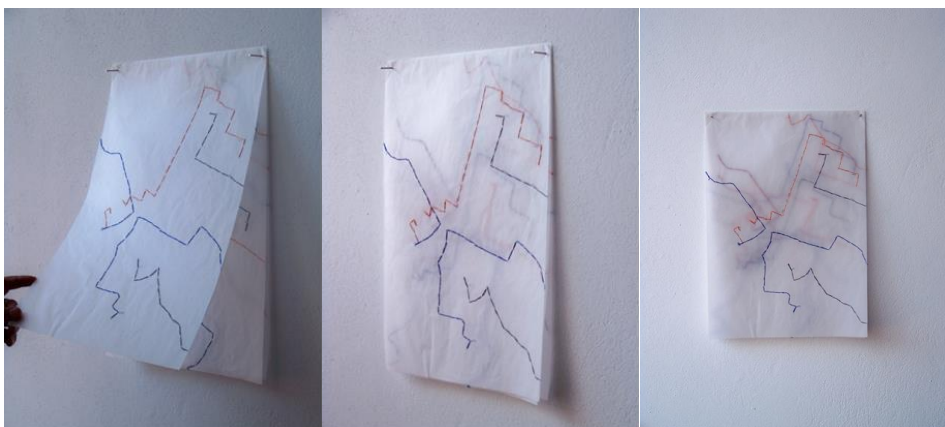


Figura 1. Cartografia /rotas [caminhante -L31, 753. L52,3627]
Costura em papéis vegetais tamanho A3, 2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O portfólio inicial que deu origem a este projeto de pesquisa dar a ver que os deslocamentos realizados a pé/ou de ônibus, nos espaços e nas paisagens que se modificam, influenciados pelos fatores internos (olho que vê, emoção) e externos (luz, pessoas) são os que me atravessam redefinindo uma cartografia nos percursos que me levam da Guabiroba e me trazem de volta para Guabiroba em Pelotas. Por meio de uma série de trabalhos práticos que utilizam os mapas

da antiga Lista Telefônica (Listel) de Pelotas, de 2012, repenso as cartografias como um sistema científico que em suas origens guarda potência imaginativa para relatos abertos e transversais e que pode tornar-se um dispositivo de ação criativa em prol de novas sensibilidades perceptivas.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa em sua fase inicial da a perceber um conjunto de práticas artísticas que envolvem o sistema de representação cartográfico como linguagem o que revela as experiências do artista em diferentes contextos – lugares, territórios físicos, políticos, sociais e afetivos. Assim sendo, insiro minhas produções neste escopo de representação, atentando as distinções que são oriundas de cada vivência e motivações poéticas. Portanto, a cartografia ao ser utilizada como representação no campo das artes, se redifine e reinventa perpassando e ampliando os conceitos da geociência de acordo com a subjetividade da artista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. El andar como práctica estética. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2005.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2009.

DOLFUSS, Olivier. **O espaço geográfico**. São Paulo: Difel, 1982.

GARCÍA, Joaquin Torres. **La escuela del Sur**. Revista Continente Sul Sur. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

GONÇALVES, Eduarda. **Cartogravista de céus**: proposições para compartilhamentos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/31432>, acesso em: março 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. **Internacional Situacionista**. Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade. São Paulo: Casa da Palavra, 2003.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.